

*Discurso na cerimônia de lançamento  
da pedra fundamental da fábrica da  
Ásia Motors do Brasil*

**CAMAÇARI, BA, 8 DE AGOSTO DE 1997**

*Senhor Governador do Estado, Dr. Paulo Souto; Presidente do Senado Federal, meu amigo Antonio Carlos Magalhães; Senhor Embaixador da Coreia, Sam Hoom Kim; Senhores Ministros de Estado, Senadores, Deputados; Senhor Washington Armênio Lopes, que é o Presidente da Asia Motors; Senhor José Tude, que é o Prefeito de Camaçari; Monsenhor Sado-ck; Senhoras e Senhores,*

*Primeiro, peço aos brasileiros, a todos os brasileiros, que fiquem silenciosos, que os brasileiros fiquem um pouquinho silenciosos para nós nos recordarmos das vozes do atraso, das vozes da caverna e que só a caverna fale um pouquinho, para que nós nos lembremos como foi um passado triste aquele que hoje, aqui, no lançamento desta pedra fundamental, simbolicamente, nós estamos ultrapassando, com espírito de amizade, de amor, de fraternidade. Eu vejo não o Estado da Bahia, mas o Brasil. Eu vim aqui, hoje, mais uma vez à Bahia, com muita alegria.*

Faz poucos dias que estive na fronteira do Brasil com a Bolívia, e lá estávamos iniciando uma obra que começou no final dos anos 50, como aspiração, com os Acordos de Roboré: é o gasoduto que vai trazer

o gás da Bolívia para o Sul do Brasil, para São Paulo até o Rio Grande do Sul. E lá eu pude dizer que aquela obra tinha um significado equivalente ao de Itaipu, porque mobilizava as energias do Brasil para uma grande construção.

Pois bem, nesta manhã, aqui em Camaçari, aqui na Bahia, nós estamos, diante desse povo generoso da Bahia, nesta bancada, dos senhores empresários, testemunhando um outro momento histórico. Nos anos 50, também, e eu bem me recordo, nós estávamos, nós brasileiros, diante do desafio de saber se seríamos ou não capazes de dar um salto na nossa industrialização. Foi com o empenho de Juscelino Kubitschek, com seu plano de metas, que foi possível começar a indústria automobilística no Brasil. Caro custou, mas nós instalamos uma indústria automobilística. Pois bem, essa indústria se concentrou. Ela estava, toda ela, praticamente, em São Paulo e, mais tarde, um pouquinho em Minas Gerais. E, hoje, o Presidente que lhes fala, embora nascido no Rio de Janeiro, é paulista, paulista de formação. E só um paulista pode ter a alegria que eu tenho hoje de dizer que a indústria automobilística hoje é baiana, é nordestina, é brasileira, porque aquilo que foi começado com Juscelino nos anos 50 hoje se espraia pelo Brasil todo.

E é simbólico que a primeira fábrica no Nordeste se faça na Bahia. A Bahia fez por isso. Eu me recordo das lutas no Congresso, do Senador Antonio Carlos, do Senador Ornélas, do Governador Paulo Souto, do Luís Eduardo Magalhães, dos Deputados todos que aqui estão; que aqui estão precisamente para demonstrar o empenho que eles tiveram em fazer com que o Governo Federal abrisse os olhos e, ao abrir os olhos, fosse capaz de entender que era necessário dar um apoio firme, como o Deputado Aleluia me pediu tantas vezes, para que essa indústria fosse, hoje, brasileira de verdade, porque ela é baiana também.

Nós, hoje, aqui, comemoramos a brasilidade, porque nós estamos fazendo com que a indústria automobilística seja baiana também. É uma data histórica. E é uma data que tem hoje uma repercussão ainda maior. Por quê? Porque hoje, precisamente, um dos dirigentes da indústria automobilística brasileira anunciou ao Brasil que a meta que nós tínhamos quando nós retomamos isso – eu ainda era ministro da

Fazenda quando isso começou, e houve um grande impulso com a iniciativa do então Ministro, Senador José Serra, e se complementa agora com essa medida provisória que já está dando frutos; e nós anunciamos que queríamos ter uma produção brasileira de 2 milhões de veículos no ano 2000 – essa produção, essa meta já se materializou neste ano. Nós já estamos produzindo 2 milhões de veículos. E, o que é mais importante, desses 2 milhões de veículos apenas 300 e poucos mil foram exportados. No futuro exportaremos muitos mais. Mas isso significa que 1 milhão e 700 mil foram consumidos internamente, no Brasil, porque o povo do Brasil hoje tem arroz, feijão, salada e uma moeda forte, e capacidade de consumir.

É o povo que cresce. E os dados, os números são de tal maneira eloqüentes que não se precisa falar nada, não se precisa dizer nada. Basta ouvir o grito do passado para perceber que, realmente, o Brasil hoje é um Brasil confiante, é um Brasil tranqüilo, é um Brasil que sabe que tem rumo. E esse rumo não pode ser outro senão o da busca de uma integração no mercado.

Por isso eu agradeço aqui à Coréia, agradeço as palavras do Embaixador da Coréia, porque os coreanos perceberam que o futuro é agora e é aqui na Bahia, é aqui no Brasil. Estão investindo e encontraram empresários brasileiros que fizeram a contrapartida. E a Bahia tem um governador que não fica de braços cruzados, que vai à luta e vai buscar investimento para o crescimento dessa terra. E a Bahia tem uma liderança política que honra a Bahia e é personificada pelo Senador Antonio Carlos Magalhães, que tem mostrado ao Brasil inteiro que tem a capacidade de perceber os novos tempos.

Agradeço de público ao Presidente do Senado, porque o Senado, hoje, tem aprovado as medidas necessárias para a mudança do Brasil.

Hoje nós vivemos um clima que é mais que de esperança, de realizações: é um clima em que o futuro já se apresenta como presente. É um clima de confiança. Hoje, aqui, nós estamos falando em indústria automobilística, mas nós poderíamos falar de muitas outras indústrias no Brasil.

Os jornais, recentemente, noticiaram um outro fato auspicioso. O setor industrial do Brasil cresceu, neste semestre, 10% e, no último ano,

6,8%. Enganam-se os que pensam que a nossa inserção na economia internacional é para destruir a indústria local. Pelo contrário, é para fortalecê-la. E o Governo está atento e tomará as medidas necessárias para que esse entrosamento, esta articulação que permite hoje a nossa capacidade de competição pelo mundo afora seja feita, não em detrimento do setor produtivo brasileiro, mas com o apoio, com o crescimento do setor produtivo brasileiro.

Crescemos como há muito tempo não se crescia no setor industrial no Brasil. E mais: há uma transformação importante nesse crescimento, transformação essa que significa que, hoje na dianteira, o setor que mais está crescendo é o setor de bens de capital, é o setor de máquinas – esse setor vem ao lado do setor de energia e da infra-estrutura –, e, junto a ele, a construção civil está retomando impulso. Ou seja, são os setores que dão não só dinamismo estável, crescimento sustentado, mas também emprego, como o setor de obras públicas e como o setor da construção civil.

É uma questão de poucos anos, como antecipou o Embaixador da Coreia. Esta terra será mesmo a terra da prosperidade. E a prosperidade quer dizer não apenas progresso tecnológico, acumulação de riquezas; quer dizer, automaticamente e com muito apoio e muita política pública, melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Basta ler o último censo do IBGE, publicado agora, sobre 1996. A escolaridade no Brasil aumentou significativamente, até ao ponto em que o Presidente pode dizer que ele espera que até o final de seu mandato não haja nenhuma criança em idade escolar fora das escolas.

Isso não se faz com demagogia. Isso se faz com ação concentrada, com consciência social de verdade, não com palavras, não com retórica. Isso se faz com a compreensão de que a base dessa prosperidade é a estabilidade da moeda. É a capacidade de os brasileiros saberem que eles podem decidir os seus projetos pessoais e coletivos e que não serão surpreendidos, de repente, por uma desvalorização ou, de repente, por uma perda da capacidade de compra por causa de uma decisão tomada num gabinete perdido em Brasília, e a população, sem nem saber, paga um preço altíssimo. Esse Brasil do susto, do grito, da surpresa é morto.

É tão morto quanto são mortos àqueles que ainda falam gritando, repito, como nos tempos das cavernas.

Hoje o Brasil dialoga. Hoje o Brasil é um Brasil feliz. Hoje o Brasil é um Brasil contente. Hoje o Brasil é um Brasil que acredita. Hoje é o Brasil desarmado. Hoje é o Brasil que não quer ofensas, é um Brasil que quer crescer na tranqüilidade.

Eu agradeço, agradeço mais uma vez à Bahia. Quantas vezes tenho vindo à Bahia. Só não tive ainda o prazer de estar convidado pelo Prefeito Imbassahy. Mas hoje, eu almoçarei na Bahia, em São Salvador, em Salvador da Bahia.

Até há pouco, eu só usufruí, de hoje, a Bahia ao caminhar para Aratu, ao passar aqui recentemente, e nós fomos a Valente, na zona sisaleira. E todas as vezes que venho à Bahia eu volto para Brasília com as energias redobradas, com esta satisfação de ver que este Estado é um pedaço do Brasil, mas é o coração do Brasil. E o coração do Brasil pulsa feliz, pulsa contente, avança e cresce.

Agradeço à Bahia mais uma vez, agradeço àqueles que hoje estão aqui na Asia Motors investindo, acreditando em nós. Mas, sobretudo, quero terminar agradecendo ao Governador, aos Deputados, aos Senadores, aos que tanto me apoiam lá em Brasília; e dizendo que eu nunca me esqueço é desse povo generoso.

Obrigado, povo da Bahia, e até breve, porque voltarei sempre à Bahia.

